

A importância das relações em um contexto de mudanças na configuração familiar.

Autor: Thaís Gonçalves Almeida

Orientadora: Olga Falceto



INTRODUÇÃO

Estudos^{1,2} demonstram que o rompimento no processo do ciclo de vida familiar, como o divórcio ou mudanças na configuração familiar, provoca uma crise para a família como um todo e também para cada indivíduo que a compõe. Essas mudanças traumáticas na estrutura familiar implicam em vulnerabilidade no desenvolvimento dos membros da família, podendo gerar morbidades. Porém, múltiplos aspectos influenciam a resposta do indivíduo e da família diante desse trauma^{2,3,4}. Algumas famílias podem voltar ao funcionamento estável e desenvolvimento adequado mesmo experienciando estas situações, o que é denominado resiliência familiar⁵.

OBJETIVO

Demonstrar, a partir de um estudo de caso, que a presença de mudanças traumáticas na configuração familiar não necessariamente implica em prejuízo no desenvolvimento das crianças e nas relações familiares.

MÉTODO

Através de material audiovisual, será apresentado caso de uma das 148 famílias acompanhadas pela Pesquisa Longitudinal do Desenvolvimento de Crianças e suas Famílias, no bairro Vila Jardim - Porto Alegre (todos os nascidos em hospital público em 1999). O material foi coletado ao longo de 15 anos, em cinco momentos: em 2000, 2002, 2004, 2009, 2014, a partir de entrevistas domiciliares onde participavam a criança e seus cuidadores. As entrevistas são conduzidas por dois terapeutas e um estudante. Ao final das entrevistas, é discutido um consenso quanto à situação familiar e integração entre seus membros.

RESULTADOS

O caso mostra uma menina que, no ano 2000, aos quatro meses de vida, é cuidada por ambos os pais (etapa 1 da pesquisa) e que em cada etapa seguinte, encontra-se em um núcleo familiar modificado. Apesar dessas inúmeras transformações em sua configuração familiar ao longo do seu desenvolvimento, a menina apresentou-se hígida e com desenvolvimento social e cognitivo adequados.

Na etapa 4, aos 10 anos, mostra-se muito emocionada quando fala da situação familiar, mas apesar disso os terapeutas na ocasião relataram que ela estava lidando bem com a situação, e descrevem-na como uma menina com muita clareza de pensamento e madura.

Na etapa 5, aos 14 anos, a adolescente também é descrita como bastante independente, autônoma e madura para a idade. Apresenta bom desempenho escolar, com sonho de cursar arquitetura e relações públicas na Universidade.

Etapa da Pesquisa	Idade da Criança	Configuração Familiar
Etapa 1 (2000)	4 meses	Família biparental em construção. Moram com tios paternos da criança.
Etapa 2 (2002)	2 anos	Pais separados. Mora com o pai e os tios paternos. Cuidadora principal: tia paterna.
Etapa 3 (2004)	4 anos	Pais retomaram relacionamento, mas moram em casas separadas. Criança mora com a mãe, cuidadora principal, e meio irmão de 1 ano (outra relação da mãe).
Etapa 4 (2009)	10 anos	Pais separados. Criança mora com o pai, madrasta grávida e tios paternos.
Etapa 5 (2014)	14 anos	Pais separados. Adolescente mora com o pai e outra madrasta adolescente.

DISCUSSÃO

Como observado, em todos os tempos estudados a criança apresenta-se em uma configuração familiar distinta. Essas mudanças foram marcantes para o desenvolvimento da criança, e a dificuldade da situação familiar fica evidente durante a filmagem da terceira etapa da pesquisa, quando a criança se emociona ao ser questionada sobre a sua família. Porém, apesar das inúmeras modificações na configuração familiar, a criança apresentou desenvolvimento social e cognitivo adequados para sua idade em todas as etapas observadas. Além disso, demonstrou ter uma forte relação de proximidade e confiança com a família, principalmente com o pai, fator esse que contribui positivamente para o seu desenvolvimento. Também manteve a relação com a mãe. É importante ressaltar também que a adolescente, no último tempo, apresentou bom rendimento escolar e relatou que seu sonho era entrar na Universidade.

A capacidade de responder positivamente aos desafios enfrentados pelas famílias está relacionada ao desenvolvimento de características de resiliência dos membros e da própria família, estando esta intimamente relacionada com o padrão do apego interpessoal desenvolvido por elas.

CONCLUSÃO

Verificam-se aspectos resilientes da adolescente em estudo, tendo em vista que, apesar dos traumas e das constantes alterações na sua configuração em fases importantes do desenvolvimento da criança, esta encontra-se em adequado estado de saúde física e mental. A observação longitudinal demonstrou que, nesta família, mais importante do que ter uma estrutura fixa, são as fortes relações de segurança e amor construídas entre os membros, o que parece facilitar um desenvolvimento adequado aos seus membros.

Referências:

1. Carter, B., McGoldrick, M. e cols. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar. (M. A. V. Veronese, Trad.). (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1989)
2. Ramires, V. R. R.. Family transitions: the perspective of children and preadolescents.
3. Schwartz, L. L. (1992). Children's perceptions of divorce. The American Journal of Family Therapy 20(4), 324-332.
4. Bowlby, J. (1989). Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. (S. M. Barros, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1988).
5. Rutter, M. (1999) Resilience concepts and findings: implications for family therapy. Journal of Family Therapy, 21, 119-144.